

Prof. Paulo
Caro mestre, A mim me parece
FICOU UMA BONITEZA.
que te pareça? (D) 1

FPE-OPF-05-002

O TRABALHO SINDICAL
COMO UM TRABALHO EDUCATIVO, CONSIDERADO EM TRES DIMENSÕES:-

- 1)... incentivador da militância:- o que seria uma postura progressista?
- 2)... formação e aprofundamento permanente da competência profissional,
- 3)... concepção de conhecimento científico transdisciplinar.

Adriano Nogueira - (AN) - A questão inicial que lhe coloco, Paulo, vem no sentido de qualificar o RUMO e a CLIENTELA com quem esta nossa fala vai interagir, provocando reflexões na forma dialógica peculiar a Paulo Freire. Estou lhe convidando a conversar/refletir com professoras. Há um órgão técnico-político que vai instrumentar essa nossa fala: é um sindicato de professoras, a A.P.P. paranaense. E, finalmente, há uma prioridade desta categoria profissional: essa prioridade seria o conhecimento transdisciplinar, num trabalho multiprofissional.

Então, Paulo, esta prosa é um desafio de correlacionar tres dimensões:-

.....1)- CONVERSAR com professoras quer dizer que uma primeira dimensão vai girar em torno à formação e aprofundamento de profissionais competentes.

.....2) CONVERSAR com professoras sob a ótica de uma ação sindical quer dizer que uma segunda dimensão desta fala é uma busca em torno a algumas preocupações daquela que seria a militância profissional progressista.

.....3) CONVERSAR sobre a formação permanente "dentro" da militância progressista quer dizer que uma terceira dimensão desta fala busca provocar reflexões em torno à transdisciplinaridade como procedimento necessário para construir conhecimento.

Pensei que esta prosa poderia iniciar partindo de alguns parágrafos escritos por ti no livro "cartas a Cristina", editora Paz e Terra. Numa certa altura do livro Paulo escreve...

Nossa preocupação deve ser com melhorar a democracia e não apedrejá-la, suprimi-la, como se ela fosse a razão de ser de certa falta de vergonha que anda por aí... o que devemos fazer é aperfeiçoar as instituições, diminuindo facilidades que ajudam as práticas antiéticas.

Uma das exigências da pósmodernidade progressista é não estarmos demasiado certos de nossas certezas, ao contrário do exagero de certezas da modernidade. O diálogo entre os diferentes se impõe para que, assim, possamos contradizer, com possibilidades de vitória, nossos antagônicos. O que não podemos fazer é transformar uma divergência adjetiva em divergência substantiva. Nem podemos promover um desacordo em obstáculo intransponível. Nem podemos, finalmente, tratarmo-nos

entre esquerdas como se estivéssemos entre esquerda e direita: fazendo apenas pactos entre nós, em lugar de aprofundar o diálogo necessário.

É por aí, Paulo, que começo a "provocar-te" para uma breve reflexão acerca desta múltipla abordagem. Uma das inferências nossas a partir deste trecho é sobre a questão de fazer alianças, trabalhar junto com grupos (ou partidos) que não se definem exatamente da mesma maneira como nós nos definimos perante certas prioridades de ação. Uma forma de "interpretar" o que tu escreveste é mais ou menos assim:- meu grupo, ou o partido em que estou militando vai fazer alianças, tendo em vista administrar com maioria representada. Ao fazer alianças, na verdade o que estamos fazendo é escolher grupos diferentes para brigarmos e discutirmos juntos e, através dessa "brigar com", administrar um sindicato, uma cidade, etc. PORTANTO: meu grupo escolhe dentre outros grupos (ou partidos) aqueles com quem é possível "brigar com". Pergunto se isso é uma forma dialógica:- cada um dos grupos (ou partidos) "briga junto" e aprimora suas diferenças na medida em que tenta fazer uma boa administração. Não se trata de "brigar pelo" poder. Nem se trata, simplesmente, de "brigar para" puxar o tapete daquele com quem escolhemos fazer alianças. Pergunto se esse "brigar com" se assemelha àquilo que tu escreveste do diálogo entre esquerdas.

Diferente disso tudo é nossa postura diante da direita. Neste caso, nós "brigamos contra" a direita. Nunca faremos aliança, nunca "brigamos com" a direita. Porque contra a direita nós temos diferenças que são substantivamente intransponíveis.

PAULO FREIRE - (PF) - Penso, Adriano, a partir de colocações tuas que há pactos que são necessários. A classe trabalhadora necessariamente fará pactos com alguns setores dominantes. E esses pactos são feitos para que haja espaço de se exprimir mais, podendo brigar mais. No entanto, esse pacto existe exatamente porque, neste sistema que está aí, é impossível diálogo entre classe trabalhadora e dominantes. É impossível diálogo mas é necessário se manifestar no espaço da administração pública: então ocorrem os pactos. Em questões em que parece haver apenas o impasse, em momentos em que decisivamente a classe trabalhadora perderá terreno... aí, então, faz-se o pacto. Ele adia confrontos fundamentais, ele permite marcar posição para, num próximo momento, retomar o confronto. Outra coisa é o diálogo. Esquerda e esquerda dialogam, podem dialogar. Não para que uma possa converter à outra mas, talvez como disseste antes, para que haja diálogos de tipo "brigar com", e, assim, para aprimorar posições diferentes. A partir deste tipo de diálogo que aprimora, cada esquerda pode brigar melhor contra seus antagônicos. Os pactos imprescindíveis ocorrerão de forma cada vez mais propícios à esquerda, pois esta se aprimora.

(AN) - vejo, Paulo, que retomamos à noção de diálogo. Permita-me "decompor" esta palavra: *dia logos* é coisa que veio lá dos gregos. O Logos tinha uma significação muito abrangente. Queria dizer, pelo menos, tres dimensões:- LOGOS era aplicável ao "ser", era aplicável a um "dizer" e era, também, um "interagir". Em linguagem mais nossa, de hoje, LOGOS significaria 1...) a Subjetividade capaz de existência e autodeterminação, 2...) o campo semântico ou campo da

significação discursiva que se constitui, através do "dizer", e 3...) a interação, através da qual se compreende a Subjetividade como "coisa da polis". Esse LOGOS é um "ser", é um "dizer" e é um "interagir" cidadão. Portanto esse LOGOS, ou essa palavra (numa concepção ampla), é uma palavra-mundo (termo teu, Paulo, em outro livro). Essa palavra é cheia de mundo:- mundo de "ser", mundo de "dizer o mundo" e mundo de "interagir politicamente".

Bem, Paulo, o DIÁLOGO com que tu tens trabalhado desde ha muitos anos tem estas dimensões da palavra-mundo. Quando duas Subjetividades dialogam ou, então, quando dois grupos (partidos) dialogam, o que eles estão fazendo é ---mutuamente, sempre--- considerar um ao outro a palavra. Consideram mutuamente a maneira de "ser", a maneira de "dizer o mundo" e a maneira de "interação política". Esse prefixo "dia" que é acrescentado ao LOGOS quer dizer: através, por meio de. Penso eu, Paulo, que DIÁLOGO poderia significar àquele "brigar com" os que são diferentes e conciliáveis à minha posição político-partidária. Através de DIÁLOGO cada um dos dialogantes avança através de convivência entre palavras-mundo diferentes (mas não antagônicas).

(PF) - Em seguida, Adriano, e complementando isto aí, eu diria que uma das razões pela qual necessitamos trabalhar de forma transdisciplinar é a própria busca da objetividade. Vejamos isso aí:- minha reflexão trabalha em direção à totalidade do Real. E a totalidade da realidade é transdisciplinar (ou multidisciplinar). Neste sentido, eu diria que a transdisciplinaridade se impõe à Subjetividade que reflete. Não é o inverso, não é a Subjetividade que inventou esse treco chamado transdisciplinaridade. Fazendo uma metáfora comparativa, é como se a totalidade do Real, enquanto totalidade, dissesse à Subjetividade reflexionante algo assim:- "tirem o cavalinho da chuva se quiserem me entender simplesmente através de um só ângulo ou uma só disciplina; pois eu, enquanto totalidade, sou apreensível em retotalizações compreensivas".

(AN) - E por que retotalizações, Paulo?.

(PF) - Tenho em vista o seguinte:- pode ser que nossa reflexão vá cindindo o Real. Fazer cisões na realidade quer dizer que através de parcialidades pode-se mais facilmente trabalhar. Seria o processo analítico de cindir, analisar, retotalizar. Neste caso, então, a totalidade do Real diria à Subjetividade reflexionante:- "se a apreensão de vocês, Humanos, necessitar primeiro cindir-me, em partes, é exigência do todo retotalizar, depois, pois a compreensão só ocorre plenamente quando se vislumbra e se relaciona com o Real integral".

PORTANTO, Adriano, penso que a transdisciplinaridade passa pela análise, que cinde o Real. E, no entanto, a transdisciplinaridade se conclui quando as diferentes disciplinas retotalizam aquilo que foi cindido.

(AN) - Pergunto, para provocar a continuidade de tua reflexão:- seria isto, que tu afirmas, um certo movimento pelo qual a inteligência compreende a realidade não apenas através das particularidades de sua tendência ou sua preferência (a química, a

matemática, a língua, a história, etc)?). Pergunto mais:- seria através deste movimento que a inteligência (a reflexão) supera a cisão da realidade e, indo além da própria palavra-mundo, aprimora em si mesma a capacidade de "ser" no mundo, de "dizer" o mundo e "interagir" no mundo. Seria através deste movimento que a inteligência (a reflexão) supera a cisão da realidade e, indo além da própria palavra-mundo, aprimora em si mesma a capacidade de "ser" no mundo, de "dizer" o mundo e "interagir" dizendo-se no mundo?. Finalmente, Paulo, pergunto:- as ações Humanas baseadas neste tipo de análise seriam ações míopes?, ou, então:- as ações Humanas que não são calcadas na superação do DIA-LOGOS seriam ações que confundem a totalidade do Real com a compreensão parcial da própria tendência (ou preferência)?. Portanto são ações que não aprimoram mas, simplesmente, confirmam a parcialidade prévia da cisão e da tendência.

(PF) - Nestes casos, Adriano, não existe a retotalização. E não se alcança a compreensão da realidade.

(AN) - Agora, Paulo, faço outra provocação a ti. Mais incisiva. Nós dois estivemos de acordo, nesta prosa aqui, quanto ao método analítico como uma necessidade prévia à compreensão total. Talvez seja uma necessidade didática facilitadora. O método analítico de fato contribuiu com a história humana ocidental. NO ENTANTO, PAULO, há etnias indígenas que procedem de outro modo, eles refletem sem necessitar deste caminho lógico-analítico. Além das etnias indígenas, tu bem sabes, Paulo, há grupos populares, há grupos negros ou mesclados, há populações latinoamericanas descendentes de quechuas ou incas ou aymaras...enfim, há grupos grandes cuja reflexão opera com uma miscigenação entre a lógica analítica e outros parâmetros de LOGOS. Pergunto, Paulo, como proceder com a reflexão e com a transdisciplinaridade?. Pergunto mais, Paulo:- como manter a rigorosidade do conhecimento nestes casos de diferentes lógicas de refletir à realidade?.

(PF) - Olhe, Adriano, eu estou convencido de que o rigor não se encontra no achado, não se encontra no produto final da reflexão. Mas, sim, o rigor está no processo de refletir. Na aproximação que faço em direção ao mundo (e ao objeto) existe o rigor. Veja você: esta aproximação a que me refiro traduz um Sujeito curioso que caminha rumo ao objeto. Eu serei mais rigoroso se trato da eficácia ao longo de caminhar acercando-me. O que é que eu encontro?. O que seria o produto final do meu achado?. Primeiro eu encontro o próprio objeto. Simultaneamente, e aqui eu recorro à Grécia, eu encontro também a razão de ser deste objeto. Estes encontros ou, então, esses achados meus de forma alguma me autorizam a afirmar o seguinte:- o que eu encontrei é o mais certo ou o mais verdadeiro. É uma questão de humildade, puxa vida. PORTANTO pode haver outros achados, conforme outras lógicas de acercamento da realidade. Desde que, é claro, mostrem a sua eficácia e o seu rigor próprios, é possível haver outras lógicas e outros caminhos de acercamento da realidade.

(AN) - Me explico, Paulo, porque foi que te provoquei com esta questão de outras lógicas. Talvez aquelas lógicas pudessem ser denominadas não-analíticas ou não aristotélicas. Há uma explicação,

Paulo, que é uma provocação:- no exemplo da reflexão própria à lógica de uma etnia indígena, há inúmeros exemplos que nos mencionam os que trabalham educação indígena (estou me lembrando do Prof. E. Sebastiani) pois bem, a reflexão de certas etnias é completamente transdisciplinar. Ou seja, quando um indígena ainda não "branqueado" equaciona uma dificuldade segundo sua reflexividade, este índio é interdisciplinar nas suas conclusões. Ele é físico, é biólogo, é geógrafo, é histórico, etc. Por isso mesmo é que o conhecimentos destas etnias é tão próximo da Realidade em que ele (índio) vive.

(PF) - Pois veja, meu amigo, além da eficácia reflexiva destas etnias, temos aí mais uma outra evidência de que o Real é, enquanto Real, uma totalidade transdisciplinar. E só é apreendido em retotalizações. A inter (ou trans) disciplinaridade é demanda da Natureza e da Realidade do Mundo. É como se ela dissesse:- "vocês, Humanos, podem me conhecer mas, pra lhes ajudar, eu vou logo dizendo que só me conhecerão com a condição de vocês correlacionarem dialogicamente as múltiplas partes ou tendências que são necessárias a vocês".

(JL) Na didática da arte se põe esta questão com frequência. A manifestação criadora do artista é, por natureza, presença subjetiva. Não é possível experiência artística vazia de subjetividade. Na didática do artista consigo mesmo ou com seus alunos se põe a contradição de POR UM LADO ser um trabalho essencialmente de manifestação da subjetividade e POR OUTRO LADO ser, também, um trabalho de aprimoramento técnico. Aquele problema que mencionávamos... de desconsiderar a subjetividade do conhecimento, coloca esta contradição de forma insolúvel. Segundo este problema do esvaziamento pedagógico da subjetividade cada ato de criação OU É puramente subjetivo e será considerado anti-técnica OU É considerado apenas esforço técnico. No primeiro caso, o ato de criação será considerado formalização não participada coletivamente, como se fosse criação de "pura" genialidade individual. No segundo caso, a criação dificilmente se sobressai ante a impessoalidade do rigor técnico. Enfim, não se tem uma visão ampla do ato de criação que é plenamente subjetivo e é, também, racional e tecnicamente apreensível.

(ES) Estou me lembrando de uma outra situação que chegou a meu conhecimento. Ainda não pude pesquisá-la com a profundidade devida. E me deixou bastante curioso. Ocorreu durante um dos meus últimos contatos com etnias índias. Uma determinada tribo da região amazônica está geograficamente distribuída em aldeias que são longe umas das outras. Quando esta etnia faz sua festa cada aldeia comparece com alimentos, com instrumentos festivos, etc. O que especialmente me chamou a atenção foi o seguinte: a festa é precedida de convites. A aldeia que vai sediar a festa elabora convites e, depois, visita as demais aldeias para entregá-los. E o que são tais convites?. Como eles se constituem?. Cada convite é fabricado com inúmeras tabuinhas ou plaquetas de madeira. Estas tabuinhas são emendadas, são entrelaçadas com fios ou vegetais conhecidos pelos índios. Ele pode se dobrar e desdobrar graças a esta amarração. Em cada uma das plaquetas há inscrições: uma inscrição refere-se ao dia de início da festa, outra plaqueta diz do tipo de mantimento que esta aldeia vai levar, uma terceira tabuinha diz dos eventos sociais que ocorrerão durante a festa, e assim por diante. Na sua inteireza, este convite é um calendário, e é um mapa social da tradição festejada, e é também um roteiro geopolítico da constituição das interações étnicas, é também uma escrita astrológica, é um cardápio... enfim, é um instrumento muito amplo.

Me lembrei desse exemplo quando você mencionou a complexidade ampla dos objetos e das criações que são simultaneamente subjetivas e intelectuais. Ou seja, a criação do objeto de conhecimento não exige que se distancie a esquematização da criação subjetiva. Este caso me fez lembrar também da questão da interdisciplinaridade do ato de conhecimento.

Em algumas discussões o Paulo Freire encaminhou epistemologicamente estas questões. Me lembro de uma reflexão dele, no sentido de trabalharmos o conhecimento étnico e, em seguida, introduzirmos um conhecimento mais sistemático (no sentido ocidental deste termo). Gostaria de provocá-lo, Paulo, a continuar estas reflexões. Cito um exemplo, vivido por nós cientistas. Estávamos trabalhando com educadores indígenas. Coincidentemente houve naqueles dias um eclipse lunar e, estando trabalhando conosco, o Carlos Arguello, que é físico, resolveu encaminhar algumas discussões através da

astronomia. Aproveitando o eclipse lunar. O que houve, então, foi um choque entre concepções culturais pois, para aquela etnia, a lua não é um fenômeno apenas físico. A lua é também um componente do campo cultural mítico. Foi um choque inevitável. O problema aí é como tratar e como encaminhar este inevitável choque cultural. Gostaria de ouvir o Paulo, retomando os termos e os temas desta discussão...

Paulo Freire (PF) Certamente, Sebastiani, este é um problema que nos toca de muito perto. No fundo, eu diria que é uma questão de humildade científica. É a questão da arrogância, é a questão da maneira como o cientista lida com a verdade, é a questão da certeza científica. Pois bem...colocando esta questão... Nós alcançamos um determinado produto científico, este produto é legítimo na medida em que atende a determinadas necessidades coletivas. Por causa do processo da produção do saber nós pudemos chegar a este momento de produto e necessidades. Quando nós, ocidentais, afirmamos: "*tal coisa é assim...*" veja bem, nós já quase somos esta certeza. Isto tem que ver com a cultura de que fazemos parte. Esta certeza se alonga. Ela toca valores, ela atinge crenças. Para nós, se é científico, se veio deste campo da cientificidade tem a ver com uma certa fé, uma certa crença.

Bem, tomando este conjunto de considerações, eu retomo aquele exemplo sobre que falávamos então. Você se encontra numa etnia, você está trabalhando junto a um grupo cujos valores culturais não admitem certos procedimentos técnicos típicos de nossa cultura científica. Vejamos um exemplo extremado: você tem uma pessoa cuja saúde está ameaçada seriamente. Com base em certos conhecimentos você pode saber que a gravidade da enfermidade poderá matar esta pessoa. A cultura desta pessoa não crê (e não admite) procedimentos técnicos como antibiótico, transfusão de sangue ou coisas do gênero. O que é que você faz?. Qual o seu posicionamento?. Minha pergunta é a seguinte:- que direito tenho eu de, sabendo certas coisas, respeitar o direito cultural daquelas pessoas de recusar um determinado procedimento técnico?. Claro, este é um exemplo extremado. Retomo o outro exemplo, aquele do Físico que estava trabalhando concepções lunares. É um exemplo menos drástico, embora bastante relevante. Veja bem, você pode provocar graves problemas pessoais e culturais se não souber lidar com este choque. A falta de habilidade e, principalmente, a falta de humildade ou o excesso de arrogância científico-cultural pode desestruturar uma tribo inteira.

(ES) e como o educador Paulo Freire tem lidado com isto?.

(PF) bem, em primeiro lugar há o necessário respeito. Respeito aqui é sinônimo de tolerância. E não se trata de respeitar para fazer favor ao outro mas, sim, respeitar por obrigação inerente à convivência humana. Em seguida, o absoluto respeito e a total tolerância não quer dizer que, na convivência, eu vá renunciar à minha capacidade de pensar cultural e tecnologicamente. O papel do educador, nesta convivência, se veste de muita habilidade e de muita clareza. Com habilidade e com clareza este educador mostra, revela a tolerância. Como é que ele mostra isso?. Justamente ele mostra tolerância e respeito na maneira como ele coloca suas diferenças culturais e tecnológicas no abordar certos aspectos da realidade. E, veja bem, não quer dizer que o educador está sendo "bonzinho" com a cultura dos índios, no caso...

(AN)... esse "bonzinho" aí colocado seria permissividade, Paulo?.

(PF) o tolerante é respeitoso, ele reconhece as razões internas à diferença cultural mas jamais o tolerante é permissivo. Pois ele estaria sendo omisso. Ou seja, num certo sentido, voltamos àquele tópico da discussão:~ a questão do esvaziamento da subjetividade na experiência. Pois bem, o educador tolerante ao não omitir-se está aprendendo através de reconhecer as razões da diferença. Ou seja, o educador tolerante não está tentando converter-se às razões do outro. Ele está buscando conviver, ele está atento ao processo. Ele discorda de certas acepções do outro mas concorda com as razões culturais pelas quais este outro elaborou suas acepções. Um passo seguinte, então, seria a preocupação ética, aquela que nos dá conta da convivência...

(ES) estou me lembrando de uma frase sua, que diz respeito à convivência entre diferentes culturais. Você disse:~ "*nós devemos emergir de dentro da nossa cultura e, molhados dela, olhamos para a cultura diferente do outro*"...

(PF) sim, e pedagogicamente iremos molhar-nos da cultura do outro. É o que eu denominei "o processo de conviver". O educador procede assim. Se não o fizer, tapeia. Escamoteia. Não se assume na integralidade da sua cultura e não convive respeitosamente com outro padrão cultural.

(JL) a questão, como eu a entendo, Professor, é no rumo da seguinte pergunta: até que ponto a verdade científica é verdade. Segundo que critérios, então, ela é verdade?. Do ponto de vista do meu trabalho, em Arte, considero a vivência subjetiva importantíssima para a elaboração formalizadora. Ora, esta vivência é inseparável do imaginário, inseparável das viagens do imaginário. E, além disso, e para provocar a reflexão do Professor, em Arte nós não lidamos com verdades...

(ES) agora, veja você, Joana, em matemática há quem diga que nós só trabalhamos com verdades universais.

(PF) Partindo do que você comentou, Joana, eu retomo a questão da necessária humildade. Se o cientista trabalha arrogantemente desprezando o imaginário de outrém ele comete um duplo esvaziamento:~ esvazia a experiência do outro e desconsidera nele próprio o imaginário. Mas é óbvio, isso. Nós sabemos que também ele, cientista, participa do jogo imaginativo, também ele joga com a intuição. O que ele ignora é que as criações formalizadoras elaboradas pelo trabalho científico sofrem, como ele próprio sofre, um enorme esvaziamento.

No entanto, por causa da historicidade mesma do conhecimento é necessário ao cientista que ele use e até creia em certas verdades. Sendo humilde, ele saberá que esta verdade objetiva é histórica e é culturalmente determinada. Portanto, para ele não existem verdades absolutas. Além disso, e por causa da tolerância, ele reconhece a simultaneidade de várias verdades; e inclusive ele aprende melhor sobre si mesmo ao impregnar-se com verdades do outro.

Falando como educador... penso que, no que se refere à convivência entre verdades diferentes em um mesmo trabalho ou numa pesquisa, a melhor coisa a fazer é levar este desafio para ser refletido dentro de uma prática. E, sobretudo, repetindo o que disse há pouco, não se trata daquela postura religiosa de converter o outro para posições dele, cientista.

(AN)... não se trata de fazer catequese sobre o outro.

(ES) Um tópico delicado, nesta convivência, é a diferença entre pontos de referência. Continuando com o exemplo de uma etnia indígena... há situações em que o branco se relaciona com a tribo e diz: "*demarcou-se a reserva desta tribo em tantos hectares*". Usualmente o índio não sabe dimensionar um hectare, ou um quilômetro quadrado. O mesmo ocorre com outras aferições como moeda. Claro que poderia haver outro critério de medir. Poder-se-ia dizer à tribo: "*a reserva de vocês tem o tamanho de andar tres dias a pé*." Seria um critério mais familiar ao índio. No entanto, não existe essa convivência entre critérios. A partir daí é bastante comum você ouvir de um deles o seguinte: "*precisamos aprender a matemática ou a medida do branco, pra não sermos enganados por ele*." Em nossa sociedade usa-se medidas ditas universais que, por falta de tolerar e por falta de saber conviver respeitosamente, se tornam armas. Querendo resistir, querendo sobreviver o índio pretende apoderar-se de certo conhecimento como se se armasse mais.

(JL) É, é bem por aí que eu estou percebendo aonde foi parar a questão epistemológica. Ausência de humildade, arrogância da postura científica e mais a desconsideração da subjetividade na experiência cultural de si próprio e do outro levaram a questão epistemológica a isto: conhecimento é arma!. Eu fico pensando na decorrência deste espírito dentro das nossas pedagogias. Quando contactamos outras pessoas, com outras verdades estamos PRIMEIRO defendendo-nos de nossa própria tradição cultural ocidental (que tem sido arrogante, tem catequizado a verdade do outro) e, SEGUNDO estamos impregnando as outras pessoas com este espírito guerreiro (armar/defender). Nos processos de troca com o outro, nos processos educativos em que educador e educando estão reaprendendo sempre há uma impregnação do outro. A subjetividade dele se torna mais guerreira, talvez. Me pergunto até que ponto nós logramos torná-los de certa forma mestiços. Nós podemos ir ao outro com postura não arrogante e podemos proceder mediante verdades não absolutas e, no entanto, nosso procedimento arma o outro contra certas posturas de nossa cultura.

(AN) É como se houvesse uma certa esquizofrenia nisso aí, Joana. Nós vamos pedagogicamente ao encontro do outro. Vamos como branco que somos, embora não violentos, embora não arrogantes mas, sim, dialógicos (para usar uma concepção de Paulo).

(JL) sim, mas mesmo neste caso, mesmo sendo pessoas de cultura branca e com posturas dialógicas, o que ocorre é uma mestiçagem do outro. Por que é que estou refletindo isto?. Porque somos impregnados de um referencial histórico, somos convictos de uma racionalidade formalizadora, praticamos princípios educativos "freireanos", e assim

por diante. Tudo isto é uma tomada de posição crítica e, em certos aspectos, é contrária a algumas posturas da própria tradição cultural nossa. O outro permanece, sempre, como um não-discurso. Ele é um não-ser ou uma não-presença que vai aparecendo na medida em que puder mestiçar-se. Ele "vira gente" na medida em que se arma.

(ES) Claro, veja você, não é este o objetivo principal da existência de uma Escola Indígena. Armar o Índio não é razão primordial para a escolaridade. A escola é concebida por nós como um lugar de encontro entre duas culturas. Neste lugar de encontro se estudam as possíveis complementaridades culturais, estuda-se um certo confronto entre duas concepções de mundo. Estuda-se o crescimento possível para estas duas culturas. Estuda-se a concepção de um modelo de escolaridade. Veja, é interessante lembrarmos disto, a aldeia valoriza muito a presença da escola branca. Pode-se dizer que aldeia que tem escola branca tem mais prestígio do que aldeia que não possui escola. E, além disso, tem que ser escola no modo convencional: alunos sentadinhos, giz e quadro negro, mesinha do professor, etc. E eles afirmam: "*a gente necessita deste conhecimento para lutar de igual pra igual com o branco*". Uma de nossas discussões propostas é que o papel da escola é mais, é além disso. E enfatizamos bastante a contribuição que a capacidade cultural deles oferece para a própria concepção do que seja escolaridade.....